

# MEMORIAS

DA

## ASSOCIAÇÃO

# CULTO A' SCIENCIA.

N.º 10.

S. PAULO. — MAIO.

1861.

### CHRONICA DA ACADEMIA.

Nunca tivestes de fazer um noticiario? Então não podeis avaliar a pessima posição em que me acho.

Em verdade, Leitores, é bem critico um homem ter de fazer um destes catalogos de acontecimentos e não saber por onde começar, tendo muitas vezes de dar *novas* já muito velhas e sabidas. Se é verdade o que está dito a dificuldade cresce de ponto para aquelle que ora vós occupa a attenção: não é *modestia*, conheço conscienciosamente que não tenho vocação para a *chronica*; mas não ha remedio senão dar uma *chronica* para o jornal que já se vai demorando muito, entretanto todos se esquivão e ella vem cahir nas minhas mãos.

Logo eu carregado de *trabalhos*! Tudo me persegue neste momento. Em fim lá vai ella. Espero benevolos Leitores, que me haveis de dar a devida desculpa, pois repito ainda esta vez o meu forte não é a *chronica*.

Ha um bom remedio para aquelles que nada desculpão: virem folha,

A Sociedade—Atheneo Paulistano—foi a primeira que nós brindou com dous numeros do seu primoroso jornal. Tendo passado por differentes phases bem criticas esta associação tem sempre se mantido no posto elevado que ha dez annos occupa com honra e orgulho dos seus distinctos membros. A leitura desses dous n.ºs dos seus *Ensaio*s que recomendamos aos nossos Leitores são o seu melhor elogio.

—Grandiosa em suas aspirações eleva-se hoje gradualmente uma associação fundada o anno passado, com um fim todo especial—o *theatro*. São incontesteis as vantagens que uma tal instituição póde trazer ao paiz inteiro—ella o provará. Já alguns de seus membros tem apresentado bellos trabalhos e é assim que apontamos os seguintes dramas—Jorge, Octavio, Estava escripto, A—abbas o Affricano e mais alguns que nos tenham escapado á memoria. A sua maior garantia de prosperidade e engrandecimento é ter a sua frente o illustrado e distincto Sr. Dr. E. Ferreira França.

—Está no dominio do publico um volume de poezias dos Ill.<sup>mos</sup> Sns. Drs. Paulo do Valle e Balthazar. São saudades como exprime o titulo e sentimentos perfumados de harmonia e graça. Ha ahi verdadeiras bellezas que attestão que se os auctores deixassem-se mais sahir da individualidade e se possuíssem dos arrebos arrojados da imaginação muito terião a alcançar. O que dizemos é uma prova do apreço em que temos a sua publicação.

—Do ultimo destes dois Srs. tambem appareceu ultimamente um romance em verso heroico, de merito.

—O Sr. Z. A. Plamplona tambem acaba de nos mimosear com as suas—Poezias e contos—Tem merecimento esse livro: é a linguagem do coração n'um mancebo aos vinte annos com a cabeça povoada de sombras e illuzões de inganos e esperanças. Que importa que elle chore se sempre no pranto sen-

te-se-lhe um vislumbre de fé? Demais eu não sou d'aquelles que perguntão por que chorou; a minha questão é saber se se sentio, porque então a lagrima é filha do coração e o coração é um poema.

Eu quizerá desenlaçar alguma flor desse ramallete e offerecer-vos, Leitores, mas a estreiteza do espaço me não permite. Bem inspirada devia ser a

« Filha dos climas onde em noites claras,  
« Por entre as nevoas desse ceu tão frio  
« Vagão mysticas sombras,

que deu ao autor a linda peça—A' uma allemã.

—Ha tambem uma obra do Sr. Leme intitulada—A coroação da virtude ou independencia do Brasil.

—Tirou segunda edição de suas poezias o Sr. A. Manoel dos Reis. Nada direi sobre isto por quanto já anda ha muito no dominio do publico (1.<sup>a</sup> Edição) Devo porem notar que se acha augmentada com os seus escriptos em outro genero.

—Consta nos que o mesmo auctor pretende em breve publicar um romance.

—O Sr. F. Antonio da Luz, romancista ja bem conhecido entre nós, está com uma obra sua no prélo. Não a conhecemos, porem temos fé que não ha de desmentir o conceito de que já tão merecidamente goza. Aguardamos o seu apparecimento.

—Agora passamos a ver o que se tem passado pela nossa associação.

Demittirão-se dos cargos que occupão os srs. Campos Salles e Antão; aquelle de 1.<sup>o</sup> Secretario, este de membro da Commissão de Redacção.

Forão eleitos para substituil-os os srs. Querino do Nascimento para o primeiro e Antonio Carlos R. de Andrada para o segundo. A associação que acceitou com pesar as demissões daquelles que tanto por ella se esforçárão, deposita muita esperança nos novos eleitos.

As nossas sessões tem sido muito concorridas.

Entrou em discussão o parecer do sr. M. F. de Campos Salles sobre a these:

—Haverá um direito de necessidade?—

O autor do parecer sustentou-a pela afirmativa, e foi ella discutida em 1.<sup>a</sup> sessão pelos snrs. Rodrigues Torres, Campos Salles, Querino do Nascimento; em 2.<sup>a</sup> sessão pelos snrs. Fortunato de Britto Junior, Pestana, Quirino dos Santos e Rodrigues Torres. Continuará a discussão em 3.<sup>a</sup> sessão para a qual se achão inscriptos com a palavra 13 socios!

Isto é uma prova do esforço e animação que felizmente sempre reinão em nossa sociedade.

Deus é grande, havemos de chegar ao nosso fim.

E' ingreme o caminho, é espinhosa a senda, mas não importa:

« Ardua embora a provança—a tarefa é sublimada!»

S. Paulo 7 de Maio de 1861. . . .

## A DAMA DO LAGO.

Walter Scott soube heber nas fontes da natureza e da verdade um genero desconhecido, que é novo porque elle se faz tão antigo quanto elle o quer.

VICTOR HUGO.

1.  
Walter Scott não é só romancista, é tambem poeta. Seu nome pode ser collocado entre os Milton, Pope, Schakspeare e Byron,—pleyade magestosa, ornamento litterario da nebulosa ilha da Grã-Bretanha. Natureza privilegiada, imaginação de Ossian, elle possuia essa linguagem desconhecida aos profanos, mesculio de divinos accordes. Mas a desditosa sina de poeta acompanhava-o, e elle tragou bem amarga a taça da fortuna. Que importa ao mundo as sublimes produções do genio? Que importa-lhe o esforço da intelligencia, que lucha exangue no remoinhar infernal das contrariedades humanas? Poeta, pobre louco! o que procuras além, no infinito? não modules os doces accents da lyra, inclina a fronte, volve os olhos e contempla a miseria de teus andrajos, o riso mo-fador do estulto agiota, que trepudia altivo e orgulhoso, como se tivesse no bolço

o *fiat mundus*, com que Deos elevou a terra do nada. Louco! desce de ignaras regiões, não te fascinem lisongeiras illusões, sonhos de gloria!

Que importaõ sonhos illusões desfeitas?  
Fenezem como as flores (1.)

Sonhos! illusões! o vento as leva como a folha no deserto; são nuvens brancas em azulado céu, que se evaporão ao ligeiro sopro do nordeste. Gloria! palavra enganadora e magica, nota melodiosa de Orpheo, que nos atrahê ao precepicio; onda fallaz do oceano, que nos leva um instante sobre a praia, para logo devorar-nos na voragem. Insensatos que somos: queremos encarar o infinito, affrontamos o resplendor de seus raios, e paramos á final estatelados em meio de densas trevas. Seres mesquinhos, ephemeros, substancias de argila, somos a estofa de que se formão os sonhos na fraze de Prospero — o duque de Milão. As dores, a miseria e a fome fazem fenecer de ordinario os louros, colhidos á força de vigalias e insomnias. Ovidio — o exilado — chorou saudoso nas margens do Danubio o seu patrio Tibre. Camões — o poeta e guerreiro — poisou a cabeça encanecida sobre a lagea fria do mendigo, e teve em recompensa de seus serviços a esmola, que arremessava-lhe o viandante. E para exemplo eterno — quem o diria? — o denodado soldado, o vulto sublimado entre os heroes, o genio da victoria, foi descaçar inanimado em Santa Helena, embalado pelo queixoso murmario dos ventos entre a folhagem do chorão, que pendia sobre seu tumulto. *Quem quer que se approxime do Capitolio aproxima-se da Rocha Tarpeia*, disse alguém; e eu direi: quem quer que se approxime da gloria aproxima-se da morte.

Essa gloria, que vêdes fulgindo,  
E' a morte trajada de brilh. s.  
Sobre a campa sorrisos fingindo,  
E chamando os herões por seus filhos.

.....  
Aureliano, tu o disseste. Tua vida foi um mysterio, tua morte um mysterio ainda. A gloria acenava-te risonha, offe-

(1) José Bonifacio.

recia-te um lugar em seu carro doirado; mas impassivel, braços crusados sobre o peito, deixaste vaguear nos labios um riso desdenhoso; entretanto o sentimento fervia-te n'alma e a luz do genio brilhava-te na fronte! Era que ralavao-te o peito desconhecidos pezares — quem sabe, quem podêra sabel-o? — Victima do genio baixaste ao tumulto sem que te comprehendessem, qual outro Ovidio entre os Getas.

Walter Scott foi assim. Vejamos sua historia. Waverley foi o seu primeiro romance; logo depois vierão os Puritanos, Ivanhoë uma Legenda de Montrose, e a noiva de Lammermoor etc. Entre seus poemas distinguem-se a Dama do Lago, o Soláo do ultimo menestrel, Marmion, e o Lord das ilhas.

A arte admiravel de traçar os caracteres e sustentar o dialogo entre seus personagens; o talento de phantasiar seus herões em mistura sublime de simplicidade e grandeza elevão-no ao nivel do vulto grandioso de Homero.

A fama, que grangearão suas obras, valeu-lhe uma fortuna consideravel, e levou-o á procurar um retiro aprazivel nas margens do Tweed, onde se entregasse ao doce vôo de sua imaginação, ao doce enleio de seus sonhos e illusões. Mas a felicidade do poeta é uma virgem, que não caduca, é hospede que não demora mais de tres dias; embala, illude um instante para fugir depois, como a corsa das antigas lendas, que atrahia o ardente caçador ás bordas do abysmo.

Scott, abandonado pela fortuna, viu-se derepente forçado á deixar seu retiro, sua deliciosa solidão. A fertilidade de sua intelligencia e assiduidade no trabalho tornarão se para elle as unicas fontes de subsistencia. Soffreu, pois soffrer é sina do poeta. Vergou, succumbio sob o pezo dos males, pois que tambem era homem; brilhou como o meteóro no espaço e desapareceu para recolher-se ao seio de Deos!

Não! não morreu! vive ainda em nossa lembrança; ahi ficarão de seu genio sublimes producções, que continuão-lhe nova vida até a eternidade!

## II.

A poesia antiga e a poesia moderna tem, parece-me, uma differença característica;—é a seguinte. A primeira offerece os traços do paganismo, encarna-se em Homero, Ovidio, Virgilio e Horacio, decanta os deoses e acompanha as evoluções do Olympo; chama á scena Jupiter, Marte, Apollo, Juno, Venus e Pallas. A segunda personifica-se com a natureza; falla ao mar, aos bosques, aos prados e montes; respira o perfume da briza, que passa bafejando as flores; geme no queixoso cadenciar das aguas, ouve o terno cantar dos passaros; e do universo, da harmonia dos mundos eleva um hymno sublime ao creador. O autor do Divan—Goethe—o grande pagão encara o oriente, berço de todas as religiões, a terra das tradições, dos mysterios e magias. O poeta de Edimburgo volta as costas, olha o occidente e vê primeiro os raios do sol reflectindo no horizonte.

Tomemos para exemplo uma de suas obras—a Dama do Lago. Que poesia, que doce harmonia não arrebatava a alma desde a primeira até a ultima pagina desse poema! Que grandeza e que sublimidade no brio, orgulho e valor dos Gaëllos—raça conquistada, que não dobra a cerviz ante o poder dos Saxonios—raça conquistadora, e nas margens do Katrine defende valente a liberdade? Fitz-James e Roderick são Achilles e Heitor. Helena—o cysne do lago, Malcolm Groeme—o mancebo ardente de amor, Douglas e o fiel menestrel são talhados com tal primor, que difficil é entre elles a preferencia. E a natureza, inspirando o poeta, ostenta suas galas, reverdece, recebe vida nova—o *animus mundi*, que sonharão os philosophos.

No primeiro canto desprende o poeta a harpa do Norte, *colmada de perguiçoso pó, e suspensa occiosa ao olmo*; recebe-a nos braços, vibra-lhe as cordas, e aos sons harmonicos que impelle respondem ao longe os échos adormecidos de Benvoir-Lich.

Despontava apenas o sol no horizonte, resplandecendo sobre os altos cimos das montanhas da Caledonia—a Escossia, e

já nos valles retumbavão as trompas venatoreas, o relinchar dos corseis e os gritos dos ardentes caçadores. O veado, que dormia sob a sombra das avelleiras, em seu leito perfumado de flores, levanta-se atemorizado, presta attentos ouvidos, sacode de seu dorso o leve orvalho da madrugada, e veloz procura as charnecas do Uam-Var. Redobra a matilha seus esforços, dir-se-hião os cães vorazes de Diana perseguindo o amoroso Acteon; porém mais feliz o nobre veado transpõe florestas e montes, atravessa por vezes duas o Teith e deixa desalentados apóz si mastins e caçadores; os ginetes extenuados, sem folego, estação trementes e recuzão carreira. Um pequeno numero de sabujos persiste na lucta. Só o chefe dos caçadores os segue irritado, e corta os ares veloz. O rei dos bosques, cançado, exhalando o ultimo suspiro, olha desanimado o sol que se perdeno occaso; um passo o separa da vida á morte; já o nobre monteiro alça o braço e ameaça descarregar o mortifero golpe, quando o cornigero animal reúne o derradeiro alento e lança-se em desconhecidos e tenebrosos precipicios entre escarpada serra e o lago Vennachar.

O intrepido monteiro quer ainda proseguir; mas seu corsel estaca offegante, estende o pescoço, e abrindo as narinas parece pedir á briza, que passa, a vida que lhe foge; vacilla e cahe, como o cavallo selvagem de Mazepa, vidrados os olhos e soltando o ultimo suspiro. O chefe dos caçadores contempla-o cheio de dor; como o Arabe no deserto chora e lamenta o companheiro de suas carreiras, assim dirige-lhe o adeus de saudade: «Mal pensára eu, quando pela vez primeira, te guiei lèdo, sobranceiro ás margens de Sena, mal imaginára, ó meu ginete sem par, que teus membros ageis seriam um dia pasto da carnivora aguia habitadora das serras Caledonicas. Amaldiçoada seja a montaria, maldicto o momento que me roubou a tua vida, ó meu corsel querido!»

Walter Scott desenha com delicado cinzel uma das paixões características do Inglez—a paixão pela caça. O merito do escriptor, quer seja romancista, poeta,

ou dramaturgo, consiste em descrever fielmente os costumes, e não phantasiar herões que não pertencem á época e ao lugar,—o que poderia revelar uma imaginação creadora, mas nunca uma utilidade real.—Nós, digamol-o francamente, estamos muito longe de ter uma litteratura nacional: Alvares de Azevedo, nosso insigne poeta, dormia no seio da magestosa natureza, que nos cerca; eram a Italia e a Agrecia com o sequito esplendido de suas tradições, que despertavão-no, que inspiravão-no. Nossos romances e dramas começam ou terminão sempre por um baile,—é o lugar commum, o maior de espada de todos os jogos—como se por ventura os brazileiros fossem os primeiros bailarinos do mundo. Que distancia não vai d'ali aos costumes simples e singelos do nosso povo!

## III.

Fitz James, o nobre monteiro, errando nas trevas da noite, procura um abrigo, um azilo. Que espectáculo maravilhoso não se offerece á seus olhos! O Katrine, ondulando suas aguas, vae quebral-as com doce murmurio contra os alicerces de um mago, sombrio e magestozo castello, semelhante á um palacio das Mil e Uma Noites, elevando pelo condão de poderoso genio.

Apenas Fitz-James faz resoar sua trompa, na superficie do lago apparece um lindo batel, conduzido por gentil donzella. nympha ou deosa, formosa como Venus—surgindo das espumas do mar. «Meu pai?»—disse a donzella, e sua voz perdeu se no sussurar da briza invejosa.... «Malcolm, será esse o som de tua trompa?»—prosegue ainda: «Um peregrino sou»—disse o caçador, e sua voz desconhecida faz fugir espavorida a corsa das montanhas.

Em um leito de urze descança já o caçador, extenuado de fadigas. Mil sonhos phantasticos lhe esvoação na mente, como se tivera provado o hache soporifero de Monte-Christo; em torno de si ouve derramar-se nos ares a melodia de Ariel; Helena apparece-lhe semelhante á uma fada, Miranda—a filha de Prospero.

Helena é o nome dilecto dos poetas. Ha por certo alguma cousa de bello in-

trinscico nesse nome. Sua origem perde-se na noite dos tempos: Schakspeare repete-o sempre em seus dramas; Homero, o primeiro poeta, que despontou no alvorecer da humanidade, formou o ideal do bello e o denominou—Helena.

A mulher representa importante papel no grande drama universal. A mulher é a causa, a explicação de todo acontecimento ou facto historico, E' um legado que nos foi transmittido pelo primeiro homem da criação—a influencia de Eva sobre Adão. As grandes revoluções, as peripecias porque passão as Nações tem ali sua rasão. Um triumviro—Antonio esquece os gloriosos louros que cingião-lhe a fronte; dorme indolente e lascivo nos braços da orgia, e troca por um olhar de Cleopatra o imperio do mundo. O amor de Helena—a esposa adúltera de Menelau—motiva a sanguinolenta guerra de dez annos entre Helenos e Troianos; e hoje o viajor percorre debalde o deserto, e nem um monumento, siquer, uma sombra de antigo guerreiro se levanta para dizer-lhe: *hic Troja fuit!* O braço da destruição pesou impiedoso sobre a antiga Illion!

Helena—a Dama do Lago—é tambem o facho innocente da guerra entre duas raças rivaes—os Saxonios e os Gaellos. Terna e encantadora virgem, respira o suave perfume das flores, rouba aos passaros seu terno cantar e corta ligeira no pequeno batel as aguas do lago, que ao longe—não vês?—se condensão as nuvens e ameaça a tormenta!

João Carlos de Araujo Moreira.

(Continúa).

## PARECER

APRESENTADO Á ASSOCIAÇÃO—CULTO  
Á SCIENCIA.—

*Haverá um direito de necessidade?*

SENHORES:

Sobre o direito de necessidade tem-se suscitado duas importantes questões: é assim que nós vemos de um lado altas intelligencias sustentando esta these pela affirmativa, e do outro lado auctores de igual nota opinando pela negativa.

A' nós pois compete analysar cada uma destas opiniões, considerando a força das argumentações de cada uma dellas, para em seguida dizermos o que pensamos á respeito.

Si o homem é da criação o ente mais perfeito, soffre com tudo bem notaveis imperfeições—elle é um ente fraco e contingente que, por si só, sem a ajuda mutua entre si, seria incapaz de proseguir no caminho da realisação do seu destino; conseguintemente a sociabilidade é uma qualidade fundamental do homem, o estado de associação é uma qualidade inherente à natureza humana. Porem tudo isto não passaria de vã chimerica, si por ventura os homens se incarrassem com indifferentismo—si uns vissem os soffrimentos dos outros sem procurar abrandal-os, não se importando mesmo com as consequencias, isto é, vendo embóra que podião, sem prejuizo proprio, ministrar o soccorro sem o qual o seu semelhante teria de succumbir. Si o que levamos dito é inquestionavel, a consequencia é immediata—os homens, pelas leis naturaes, têm obrigação de se socorrerem mutuamente, salvo si houver prejuizo da parte d'aquelle que tiver de dar este soccorro; mas si á todo o direito corresponde uma obrigação, á toda a obrigação corresponde tambem um direito—logo, si os homens têm pelo direito natural obrigação de ajudar aos seus semelhantes em certos casos dados, é claro que, uma vez apparecida á um individuo a falta de meios para dar um passo indispensavel para o seu bem estar, este terá o direito de exigir auxilio daquelle que lh'o puder dar sem ficar prejudicado; conseguintemente ha um direito de necessidade.

Si o direito das Gentes não é senão o mesmo direito natural applicado ás nações, concluimos que o mesmo se dá quanto as nações entre si. E Klu-ber nós diz que—«um Estado, para conservar-se, em caso de extrema necessidade (*casus extremæ necessitatis*) collocado entre qualquer obrigação para com um outro Estado, tem o direito de empregar todos os meios para a sua conservação—o que é chamado

por alguns direito de necessidade.» Por tanto, segundo este author, e segundo aquelles que seguem esta opinião, quaesquer que sejam as relações de um Estado para com outro, é permittido em cazo de extrema necessidade, á aquella que soffre lançar mão de todos os recursos para a sua conservação, o que se traduz pelo direito de necessidade.

Agora pois, para podermos corresponder á expectativa, cumpre-nos encarar a questão pela sua segunda face, isto é, devemos expor as argumentações usadas por aquelles que pretendem negar este direito.

Os sustentadores desta opinião dizem que a nação constituida é livre e independente, e que sem estas duas qualidades não póde existir o que se chama nação; portanto, desde que ampliar-se os direitos ou soberania de uma nação, tanto que possa exceder os raios de seus limites, e ir exercer alguma funcção dentro da soberania de uma outra—o que temos? nada mais nem menos do que jurisdicção dentro de jurisdicção—um poder exercitando-se dentro de um outro igual—o que é repugnante com a razão e com a ordem natural das couzas.

Ora o direito de necessidade não consiste n'outra couza, para dar-se este direito é indispensavel que alguém tenha de desapropriar-se de alguma couza que lhe pertença, a sua existencia implica necessariamente a perda de direito de terceiro: logo não existe nação, porque para tal é como já o dicemos, de absoluta necessidade a soberania e a independencia, mas nem um destes attributos poderá existir desde que haja uma lei que faculte autorisação bastante para uma nação usar de um direito que só pertence á outra—o que é um absurdo; e por consequencia não póde existir um direito de necessidade—esta expressão é muito impropriamente empregada, é até repugnante.

Mas, Senhores, é isto justamente o que nós contestamos.

Da mesma maneira que se nega este direito, da mesma maneira que se diz que esta expressão é impropria e mesmo repugnante, por nossa vez podemos

tambem dizer que regeitamos estas argumentações por falsas e de nem uma consideração : porque, Senhores, neste cazo nós não temos jurisdicção dentro de jurisdicção, mas temos tão sómente que uma soberania começa á exercitar-se justamente onde uma outra descança; —nós aqui temos uma lei fazendo-se valer do ponto em que uma outra pára observando os seus limites.

Assim supponhamos, por hypothese que por uma fatalidade qualquer um Estado acha-se privado dos meios indispensaveis para a sua subsistencia, ao passo que o seu visinho abunda nesses meios—perguntamos nós, este Estado por ventura não terá o direito de exigil-os desse outro? por certo que sim.

Porém aqui poder-se-ha dizer que em tal cazo não poderá existir aquillo que se chama direito de propriedade, mas á isto respondemos, que deste modo tambem será impossivel fazer-se conciliação entre o direito de propriedade e o direito que nós todos temos de conservar-nos: finalmente, tudo isto se explica dizendo-se que um direito apparece justamente quando outro cessa, e por isso não ha antinomia alguma entre elles, pelo contrario, entendemos que ha um perfeita harmonia.

Além do que Vattel nós diz no seu § 2.º cap. 9.º «a terra deve nutrir todos os seus habitantes, a propriedade de uns não póde reduzir á fome á aquelle que não tiver com o que nutrir-se, que uma nação póde obrigar seus visinhos que tiverem abundancia de viveres á lh'os vender por justo preço, e até mesmo tiral-os á força quando essa outra nação não lh'os quizer vender.» D'aqui pois deduzimos que é falsa a doutrina d'aquelles que dizem que o direito de necessidade não póde existir sem a desaparicção de um direito em todas as partes e em todos os tempos á todos garantidos, como é o direito de propriedade : d'quelles que dizem que a existencia de um implica necessariamente a negação de outro—salvo si quezermos admittir dous direitos iguaes luctando em contraposição um á outro—deduzimos que é falsa

esta doutrina ; repetimos, porque, como já demostramos, no caso dado o direito de necessidade começa á exercitar-se quando o direito de propriedade vê as raias dentro das quaes deve obrar.

Assim pois, attendendo á que achamos de força maior as argumentações de que lanção mão os sustentadores desta opinião, nós nós declaramos por este lado, isto é, sustentamos que ha um direito de necessidade.

S. Paulo—1861.

*M. Ferraz de Campos Salles.*

### THESE.

*O que é motivo d'acção? quantos são os motivos de nossas acções, e em que differem os motivos racionais dos motivos interessados?*

O emparedado no fundo de seu carcere; o desgraçado ao chocalhar de suas cadeias; o pobre no seio de sua miseria; o rico no auge de seu poder; todos os homens poderosos ou fracos, felizes ou infelizes, amparados ou desvalidos tem consciencia de que são livres, e tem-n'os nos trances mais apertados da vida. Atai o desgraçado a uma arvore, diz Cousin, e elle será livre, porque si o movimento é impossivel, elle tem consciencia que pode querer, e essa consciencia é o santuario onde resvalão os golpes do mundo externo—é o espelho fiel de tudo que sentimos, é como diz Cousin, o mundo em miniatura, o universo abreviado.

Mas a ideia de liberdade é prolifica: si o homem é livre e possui uma razão, elle é responsavel por seus actos; e é responsavel no proprio tribunal de sua consciencia. Quando afirmativamente esta verdade não estivesse demonstrada, ahi estavam os remorsos para demonstral-o a toda luz.

Tomemos pois as volições livres e em qualquer posição que nos achemos, reconheceremos a existencia de uma força que nos solicita ou que nos retém, uma razão que nos arrasta ou nos agrilhôa.

Esta força que é apreciavel aos olhos de nossa consciencia; esta razão de nos-

esos procedimentos, é que temos de considerar em relação á ideia do bem ou do mal; esta razão, esta força é que chama-se movel ou motivo.

Espiritualidade e animalidade, sensibilidade e razão, o homem pode referir todos os seus moveis a esses dois grandes pontos de sua natureza; e como sua origem é distancia, uma é certamente mais nobre que a outra, por quanto os phenomenos sensiveis ou o sentimento são manifestações da sensibilidade, ligando-se intimamente a natureza d'esta não pode aos olhos da consciencia confundir-se com a espiritualidade ou razão.

Ao passo que o sentimento diminue e fraqueia, a razão eleva-se e fortifica-se, —Não vemos quanto ao sentimento, que muitas vezes a dor gasta o coração, que o prazer produz a saciedade, e que o sentimento é sempre mais forte em seus primeiros momentos?

Não vemos quanto a razão que a paixão e o desejo incontrão obstaculos para satisfazer os seus intentos, e que muitas vezes cedem?

Os moveis que se referem a razão chamão-se moveis racionaes, e os que se referem aos sentimentos chamão-se sensiveis.

Obrai em conformidade de uma emoção presente, seja o motivo qual for, ligai-o só ao insensivel, attendei a dor ou ao prazer; seja mesmo o motivo afastado, dê-se em um momento já passado, si provocando o acto é em vista da sensibilidade que o homem obra, então o movel é sensivel.

Cortai porem a dôr e o prazer, elevai a dignidade a sua maior altura, abstrai da animalidade humana, elevai a vista até o brilhante desfeixo de vosso destino; então o movel é racional.

Esta divizão nasce a priori da propria natureza e a posteriori do proprio exame dos factos humanos.

Muitas vezes o mesmo acto apresenta-se sob diversos aspectos, porque o movel que o procurou pode ser sensivel ou racional.

Supponha-se o guerreiro que no campo da batalha sacrifica a vida com glorioso denodo. Si a razão do seu acto foi o

cumprimento de um dever; si não foi a esperança dos louros, dos elogios que tem de o acompanhar em sua carreira de triumphos, que o dominarão; então o movel é racional.

Mas inverta-se a razão, supponha-se que o seu unico motivo foi o amor da popularidade, foi a esperança que de longe acenavão na patria, então o movel é sensivel.

Prazer e dever—eis os dois motivos, a que se podem reduzir todos os moveis de nossas acções, porque dois são os modos de nossa natureza pelos quaes vivemos, vivemos como entes sensiveis e como entes racionaes.

Esta é a theoria que tem sua raiz no exame de nossa consciencia, toda a theoria que cercêa qualquer parte integrante da natureza humana é erronêa e deve ser despresada, taes são todos estes systemas de moral que, ora fundavão a moral sobre o sentimento, como a eschola escosseza; ora sobre o interesse, como Hobbes; ora sobre a utilidade geral, variação do mesmo interesse, que principia pelo desconhecimento da ideia do dever.

O que é o sentimento? é o variavel, é o contradictorio, é o arbitrario. Seja qual for a explicação que se procure dar a esta palavra, a lei moral nunca será reduzida ao sentimento. Ou ha um sentimento predominante, ou todos são iguaes. Na primeira hypothese, quem é que nos diz que este sentimento deve ser preferido áquelle? Ou a escolha é arbitraria, ou existe alem do sentimento alguma coisa acima do mesmo. Na segunda hypothese —legitimacão de todos os actos, porque a força do sentimento decidirá da practica do acto, porque o sentimento é cego em sua força. Em ambos os casos absurdo —no primeiro porque—ou a escolha é impossivel, ou, si é possivel, o sentimento não é o movel de nossa acção; ha alguma coisa mais—no segundo porque a moralidade dos actos desapparece, o homem é um ser fatal que obra cegamente. Inventem embora alguns philosophos a palavra—senso moral para explicar esse sentimento predominante, a conclusão será a mesma, porque a natureza do sentimento é o mesmo.

O amor da propria pessoa, quando pe-  
zada pela experinnia e pela razão, é offe-  
recida por outros como movel de nossas  
acções.

Alterando a natureza, mutilando a parte  
mais nobre de nosso ser, é a doutrina  
feia e hedionda do egoismo, que nos  
offerecem.

Devoção, actos de grandeza, sacrificios  
a patria; tudo para elle é esteril e sem  
significação. O seu Deus é a individua-  
lidade, seu altar é o interesse pessoal.  
Contra a verdade d'esta doutrina protes-  
ta a consciencia revoltada, protesta a his-  
toria inteira; as suas consequencias são  
a destruição da virtude.

Quando forçados pelo temor de suas pro-  
prias doutrinas, inventarão a palavra uti-  
lidade geral, elles esquecerão que toda a  
utilidade nunca se pode confundir com o  
dever; elles esquecerão-se de suas con-  
sequencias. São na phrase de um escri-  
ptor as seguintes:

Sendo o bem geral variavel, porque o  
bem—estar de cada um é variavel, não ha  
bem, nem mal, porque nada é bom ou  
máu em sua natureza.

Qualificado o interesse como motivo  
de nossas acções, todos tem direito ao  
que lhes agradar, ou que lhes causar  
prazer.

Podendo tudo agradar a todos; todos  
tem direito a tudo—o que equivale a  
dizer que ninguém tem direito a nada.

São pois theorias condemnadas, e a  
verdadeira theoria é aquella que reconhe-  
ce os moveis racionais e sensiveis.

*A. C. Ribeiro de Andrada.*

## ESBOÇO HISTORICO—LITTERA- RIO SOBRE A PROVINCIA DE MINAS-GERAES.

### I.

Duas palavras de preambulo antes de  
começar nosso trabalho. Temos em vista  
apresentar algumas ideias a respeito da  
historia de Minas-Geraes, e das diversas  
peripecias porque tem passado quanto á  
sua civilisação, tanto industrial como  
scientifica. N'este intuito, temos lançado

mão de todos os meios a nosso alcance ;  
estes porém são extremamente escassos,  
e tendo por outro lado de lutar com a  
falta de recursos naturaes, capacitamo-nos  
de q' nosso trabalho nenhum merito terá a  
excepção dos bons desejos que presidem  
á sua conficção.

A ideia porém de que estes estudos tão  
cheio de lacunas promoverão em alguém  
o desejo de fazer uma obra completa da-  
nos animo, e trabalhamos.

Contemplando a natureza que por to-  
da parte ostenta sua magnificencia, o ho-  
mem concentra-se com sigo mesmo, e ad-  
quire a ideia de um ente infinitamente  
poderoso, fonte de vida e existencia, que  
tem previsto o fim do mais insignificante  
insecto, assim como do proprio homem—  
*corôa da criação.* Aqui são essas mátas  
virgens onde habitão as feras ao mesmo  
tempo que as innocentes avesinhas, asse-  
melhando-se unicamente na liberdade de  
que gosão ; são esses grandes rios, que  
rolando suas agoas por entre montes e  
planicies, ameação destruir tudo o que  
os cerca ; ali são esses oceanos de arêa  
que elevando-se aos céus parecem  
querer sepultar o homem no seio da terra  
d'onde sahio ; é a ausencia mesmo da vi-  
da que foge d'estes lugares ; além são  
essas, essas maçãs enormes de agoa, on-  
de o homem semelhante á andorinha que  
se perde no espaço imenso dos ares,  
desapparece, victima muitissimas vezes  
do menor capricho dos ventos.

Em presença d'essa variedade da na-  
tureza, d'essa magnitude que se observa  
em todas as suas phazes, o homem pára  
estatico e reconhece uma força superior  
á sua e a tudo o que o cerca, que a tudo  
concedeu a existencia e collocou a natu-  
reza nos eixos em que ella se move ; en-  
tão elle reconhece que toda essa criação  
é destinada á um fim que em sua mes-  
quinha intelligencia em vão procura des-  
cobrir e demarcar.

Bem longe estavam os Selvagens Ame-  
ricanos, de pensar, quando em suas fes-  
tas livres, celebravão suas victorias, que  
dentro em pouco serião sorprehendidos  
por inimigos estranhos que os redusirião  
á degradante condição de escravos, e guia-  
dos pelo asorrague, elles aquém á me-

nor offensa fazia jogar suas vidas como um brinco, milhares de victimas sacrificando a seus brios? !..

Mas o mundo caminha, diz Eugenio de Pelletan, em vão Lamartine contradiria o seu discipulo; o selvagem que não sabia uzar vestidos de seda e cadeias de ouro, era destinado a desaparecer; a geração que, atrasada não se amoldava por sua altivez á obdiencia do seculo, devia ser victima de seu caracter.

A Provincia de Minas que constitue uma tão importante parte do Brazil, não seria por certo esquecida nos arcanos da Providencia. Povoada pelos selvagens desde tempos imemoriaes, ella vio seus primitivos filhos rojarem-se em lagos de sangue que a bala e o sabre do europeu arrancarão de suas alterias, captivando-os e obrigando-os a abandonar as terras em que nascerão, e á buscar um abrigo nas florestas dos Andes e nas outras serranias que crusão o iuterior do continente.

O destino marcára que essa parte do globo attingisse a um gráo elevado de civilisação; sobrepujados os selvagens que o não poderião conseguir, eis que o europeu por toda a parte planta o estandar-te do progresso; habitações sem numero como que se levantão por eucanto, e essas mattas que resistirão aos furacões e tempestades por espaço de tantos milhares de annos cahem decepadas pela foice do agricultor; as entranhas da terra não podem por mais tempo guardar o segredo de suas riquezas; a prata o ouro e o diamante lhe são arrebatados, para constituirem essas fabulosas riquezas particulares, que em tão pouco tempo se levantarão.

O mesmo destino porem cioso de que este progresso fosse alem de suas vistas, cortou-lhe o fio, e ao movimento succede a calma e a opulencia succede a pobresa. Ah! assim não fôra se essa riqueza estivesse collocada sobre bases solidas!.. e em vez de uma cobiça desmodida e egoistica, um desejo calmo e reflectido os tivesse guiado! o oiro e o brilhante serião secundarios, a lavoura a mecanica e a industria, as artes serião exercidas: e firmada assim a unica base

dnradoura da riqueza dos póvos. Mas assim não aconteceu e a Provincia de Minas hoje vê com inveja o augmento de suas irmãs cuja posição topographica e cujos meios de vida favorecem o adiantamento. Porem tudo caminha, e uma nova epocha tem forçosamente de aparecer, e não está longe o dia em que Minas tomará o lugar que lhe compete entre suas irmãs; a vastidão e forticidade de suas terras, a amenidade de seu clima, a variedade do sólo e vejetação, os caudalosos rios que a cortão, e finalmente a indole briosa de seus filhos, são outros tantos motivos que temos para afirmal-o.

## II

Para mais facilmente passarmos em resenha os diversos aspectos que tem tomado essa Provincia, faz-se necessario que dividamos em periodos o objecto de nossos estudos. Não observaremos as leis que costumão presidir á uma divisão de tal natureza, não tomaremos para limites de nossos periodos, epochas ou factos que tivessem uma influencia directa e patente sobre a marcha da civilisação e progresso da Provincia; escolhemos porem epochas em que a indole de seu povo se manifestou briosa, estampando nas paginas da historia factos que lhe grangearão para sempre o epiteto de valente guerreira e independente. Demarcaremos pois da seguinte maneira: 1.º periodo, das descobertas feitas na Provincia em meados do seculo 17 até a revolta colonial de 1720: 2.º até a projectada revolução da inconfidencia em 1792; 3.º até a rebilião de 1833: 4.º até a revolução de 1842; 5.º até nossos dias.

*Continúa.*

## Olimpia.

Olimpia, nosso amor romper quem hade?  
Elle nasceo p'ra nós desde essa idade!  
Na qual o amar é um prazer talvez—  
A' luz do mesmo sol—lá na collina  
— Creança, nossa vida peregrina  
Tão pura deslisou-se... tu não cres?

Iguaes os gostos, tão communs as dores,  
Iamos junctos apanhar as flores  
Que desbrochavão na gentil manhã;  
E depois em alegre desafio  
Lançando-as murchas ao correr do rio  
Tu me surrias e eu dizia:—Irmã!

Assentados então sobre o granito,  
Fitavamos os olhos no infinito  
Em que se lê mysterio e nada mais,  
E nesse enleio que é melancholia  
Viamos tristes desmaiar o dia  
Com o ultimo clarão dos laranjaes.

E tu cresceste, pallida—sublime,  
Tão tremula, no hastil qual debil vime  
Que em derredor a viração meneia—  
E vinhas me beijar—no teo regaço  
Chamejando vivaz o fogo escasso  
Que a meiga infancia n'um sorriso ateia.

Oh! como eramos ricos de ventura!  
Nos extasis de amor tua formosura  
Tão langue desmajava nos meos seios....  
Doce sonho do ceo, engano ledo,  
Foi nossa vida mystico segredo  
Que tu me soletravas sem pranteios.

Porem um dia quiz o meu fadario  
Que tão longe de ti, errante e vario  
Eu me visse a vagar na solidão;  
Longo tempo chorei minha desdita,  
Estatico á seismar, como quem fita  
Fugidia visão..

Tudo era silencioso, triste e mudo!  
Entanto da saudade o grito agudo  
Lembrava-me do outrora a murcha flôr...  
Se olhava o ceo, era o gentil semblante  
Que eu lá via brilhar pelo diamante  
Das lagrimas do amor!

Ah! quando tal martyrio teve um termo,  
E ancioso de amôr, de amôr enfermo  
Nosso ninho natal saudei alfim;—  
Na innocencia infantil achei dormindo,  
As vestes do pudor inda vestindo,  
Meu casto cherubim.

E agora que matei as minhas dores,  
Agora que brotavão novas flores,  
O mundo, o mundo separar-nos quer—  
Mas a paixão é funda, o amor é grande,  
O coração somente impere e mande  
Que assim divina não serás mulher!

Olimpia, nosso amor romper quem hade?  
No diluvio da dôr que sobrenade  
Symbolo sancto, o nosso pavilhão....  
Que elle seja esperança, amor e crença!  
Apegados á Deos na fé immensa...  
Novos, melhores soés nos surgirão!!

1860—Fevereiro—

Americo Lobo.

### Cay-pora (\*).

E' noite : a lua na extensão celeste  
A cava senda mais de meia andou;  
E' diva a pompa que a espessura veste,  
Depois que a noite n'este val tombou.

Tudo é silencio na deserta plaga;  
Ninguem sósinho por ahí vagueia;  
A voz do rio que a floresta alaga  
Só vem baixinho murmurar n'areia.

Sombra incantada de formoso anjinho  
Mal vê-se apenas no crystal nadar.  
Pomba mimosa que perdeste o ninho  
A esta hora como vens errar?

E' terno o aspecto, seu andar gracioso,  
Seus olhos brilhão com gentil fulgor,  
As magas fórmãs de seu corpo airoso  
Mal cobrem pennas de singello alvor.

Quem és tu? Sombra de visão mentida  
Que a noite incarna com subtil magia?  
Ou és a virgem do Senhor sentida,  
A imagem casta da eternal poesia?

Seu rosto é lindo! Na morena testa  
Brilha um lampejo de celeste luz!  
Mas o seu gesto pesaroso attesta  
D'algun martyrio bem pesada cruz.

Ai, como é linda! mas a dôr aguda  
Vê-se no rosto que sereno está;  
Brota um suspiro na sua bocca muda  
De cada aneio que o seu peito dá.

Qual echo torvo que abalou o espaço  
Do cedro immenso que no chão cahio,  
Gigante féro de um aspecto baço  
C'um uivo tredo e infernal rugio.

\* Estes versos nasceram de uma lenda dos Guyanazes, indigenas que habitaram as campinas de Piratininga. Hoje está ella espalhada por toda a Provincia e é a seguinte: crião estes indigenas na existencia de um monstro formidavel que vagando todas as noites chegava até ao rodor de suas *tabas* ou aldeamentos; aos homens que encontrava dava logo morte horrivel abrindo-lhes a cabeça e comendo o miolo; ás mulheres porém dava um outro genero de morte: gozava-as até deixa-las inanidas, e assim morrião. Chamavão-no o *Caó pora*, que significa residente no matto; por contracção diz-se em nossa lingua *Cay-pora*. Se acontecia uma mulher gravida avista-lo e escapar a sua sanha, o que era difficil, podia contar que o seu filho havia de ser eternamente desgraçado, d'ahi o chamar-se hoje vulgarmente — *caypora* — a um individuo infeliz.

O vulto negro do colosso horrivel  
Por sobre os montes lá no ar campêa :  
Os pés em terra e o cocar temivel  
Por entre as nuvens com o vento ondêa.

E' elle ! é elle ! que a vagar socturno  
Traz morte a tudo com funesto ardil !  
Ao som medonho do bramir nocturno  
Se abalão valles e montanhas mil.

E' elle ! é elle ! e a sonhar, que mimo !  
A virgem erra na floresta só ;  
Ella tão fraca sem nenhum arrimo !  
Nem Deos, ai ! teve da morena dó !

Eil-o que chega ! no seu peito duro  
Cerrando-a, ás fórmãs celestiaes magôa  
Nas torpes ancias de deliquio impuro  
Arranca á triste a virginal corôa.

Cerra seus labios a sua bocca breve,  
Aperta ao della seu nervudo seio,  
Co'os beijos brancos de espumante neve  
Sorve os suspiros, lhe comprime o aneio.

Como elle a estreita no fogoso abraço !  
Que beijos da-lhe na macia tez!  
Ai, dura sorte ! no cerrado laço  
A vida foge-lhe ora ali talvez !...

Pendeo-lhe a fronte !... Seu olhar brilhante  
Involvem nuvens de mortal pallor !...  
Rouco bramido lá no ar sonante  
Restruge ao longe com sinistro horror.

E' dello o grito ; repetio-o a serra  
Em longos echos prolongando-o além ;  
E baque surdo que ferio a terra,  
De um corpo frio resouo tambem.,.

Entanto a lua na extensão celeste  
A senda toda com vagar andou,  
E morre a pompa que a espessura veste  
Depois que a lua lá do ceo tombou.

A essa hora na longinqua *taba*  
Com ancia e choro procurou-se alguem...  
Era ella — a virgem ! mas que della saiba  
Ninguem existe, não a vio ninguem.

No outro dia quando a aurora veio  
Deirando as grympas das montanhas lá  
Pallida a fronte, enregelado o seio  
Forão achal-a ; mas sem vida já !  
*F. Quirino dos Santos.*

### A saudosa lembrança de um adeos.

Quanto chorei á tarde dos adeoses,  
Em que me balbuciaste entre gemidos  
A ingema confissão, que ali teus labios  
Do segredo dizião arrependidos.

Era bem tarde ! o instante da partida  
Já temeroso vinha se annunciando...  
Um momento da mais, e dura angustia  
La nos arrebatou do sonho brando.

Eu lancei-me á teus pés—de vão delirio  
Abrasado o meu ser, toda a minha alma  
Duvidando que os céus ante piedosos  
Podessem nos roubar de amôr a palma.

Que soffrimento o meu ! te amara tanto,  
E o cubicado amôr jámais eu lèra  
Nem quando tu me abrias linda e meiga  
Algum botão da grata primavera.

Reclinada á sonhar mil desventuras  
Estavas á me olhar tão tristemente  
Que nossas duas almas se casarão  
N'um élo que se dá, que não se sente.

Oh milagre de amor ! que assim te vendo,  
Foi-se abrandando meu padecimento,  
Parecendo que a dôr da despedida  
Nos fugira veloz n'aza do vento.

Tu chegaste a tua frente á minha frente,  
Nossos corpos uniste n'um abraço...  
Era extases do céo ! um longo beijo  
Melhor nos estreitou o doce laço.

Foi breve instante que não valem seculos,  
Já eu nem mas sabia que desejasse...  
Por fim senti tua mão tocar-me leve  
Como se a hora fatal se avisinhasse,

Então todas as vozes do horisonte  
Me disserão n'um ai o triste adeos,  
Com o qual, eu devera separar-me  
Da graciosa visão dos sonhos meus.

Ergui-me loucamente desvairado  
Embebendo a ambrozia de teus perfumes,  
Sem poder ao concerto de tuas lagrimas  
Misturar o poema dos queixumes.

Era certa a saudade do desterro !  
Da esperança te dei o olhar extremo,  
E com elle uma lagrima sentida  
Resumio para mim o adeos supremo.

Depois na solidão te vi ao longe  
Acenar-me um adeos, com o lencinho !  
E quando te perdi criei nas nuvens  
A imagem sem igual de meu ánginho,

Agora ? ! nem me vês ! mas pensativa  
Se acarinhas á sos uma illusão,  
Por entre teus sonhos descuidozos  
Tão compassiva não me esquece, ai, não !

Sim ! lembra-te de mim ! eu te amo sempre,  
Tem ainda compaixão dos males meus!  
De ti guardei somente por lembrança  
A saudoza lembrança de um adeos.

AMERICO LOBO.

Typ. Imparcial de J. R. de Azevedo Marques.